

**mas  
que  
papel,  
seu  
bacharel!**

**GRUPO  
DIVULGAÇÃO  
FORUM DA CULTURA**

**NOVEMBRO  
7A 18  
21 HORAS**

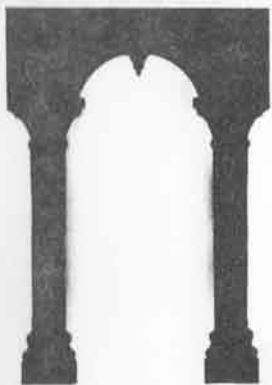
**VESPERAL**  
domingos e feriados  
**16:45**

Centro de Estudos Teatrais  
Grupo Divulgação  
apresenta

**MAS QUE  
PAPEL,  
SEU  
BACHAREL!**

**1979**  
setembro

Forum da Cultura



**Mas que papel, seu bacharel!** é um trabalho de longa gestação e parto fulminante. Suas raízes — A farsa do advogado Pathelin — é leitura constante, obrigatória mesmo, toda vez que se pensa num trabalho destinado à juventude. Muita coisa foi feita a seu redor, desde a tradução do original, até às consultas a várias versões. Entretanto ela acabou por se tornar um espetáculo híbrido, cheio de alusões contemporâneas, talvez de extremo imediatismo.

Entretanto é por detrás destas simpáticas referências que se esconde o que pretendemos seja sua armadura central. Não é uma tarefa fácil questionar a esperteza, a força da inteligência, a necessidade de ludibriar, dentro de uma sociedade onde os principais pilares se encontram fincados justamente nestes valores. Por outro lado não se pode calar diante da fragilidade que se possui para desmascarar estes expedientes tão bem camuflados.

A montagem funciona como um autêntico enteatro de **O beijo no asfalto**, espetáculo anterior do Grupo Divulgação. Se neste incitava-se a reflexão sobre as conseqüências perigosas da manipulação da opinião pública pelos meios de comunicação de massa, a trama sórdida que se esconde por detrás das forças de repressão, neste novo trabalho procura-se evidenciar o alargamento do universo então focalizado. A febre do lucro, imposta pela sociedade capitalista, que distorce a honestidade comercial; a trapaça que substitui a consciência e a lição final que castiga o menosprezo da sabedoria popular.

Mas, se no primeiro trabalho o teatro mostra sua força de tensão emocional, neste ele exhibe seu poder de descontração. E os extremos se encontram no mesmo propósito de refletir e fazer refletir a postura do homem ante seus próprios atos sociais, seus valores, sua consciência. Tensão e alívio são dois espaços férteis para provocar no espectador a necessidade de pensar o mundo e tentar transformá-lo.



# RISO: UM CASO MUITO SERIO

MARIA LÚCIA CAMPANHA DA ROCHA RIBEIRO

O riso castiga os costumes — disto tinham certeza, tanto o gênio criativo de Molière, quanto a inteligência cultivada de Henri Bergson. O cômico é uma forma pela qual o homem se dá em espetáculo e se autoflagela pela própria fragilidade de sua condição e de suas criações. É um momento neutro, branco, em que, distanciado de sua função obrigatória de "herói", ele se permite o mergulho em seu próprio ridículo, dispensando a mágica ajuda do retrato de Dorian Grey e permitindo que as marcas de seus desacertos vinquem sua própria face.

Mas para que isto aconteça, é forçoso que ele consiga o álibi da comunicação indireta, da possibilidade de desviar de si mesmo a identificação, tomando o mesmo pelo outro, e assim efetuando o distanciamento que o faz suportar a carga do castigo. E um de seus disfarces essenciais é o de dar crédito ao sério em detrimento do cômico — expediente reservado para os inconseqüentes, como se de conseqüências fosse feita a vida. Entretanto é através do contágio da gargalhada que se pode perceber o teor social e contestatório que permanece por detrás da máscara cômica. É na experiência do sorriso que se pode perceber o ponto de encontro da comédia e da tragédia, um ponto de amor e construção comum.

Ao bobo é permitido dizer todas as verdades, porque ele é inofensivo. Mas a Verdade não é menos Séria por causa disto. Porque no cômico o homem deixa aflorar seu sentido lúdico e, manobrando as peças de seu jogo vital, desumanizando a própria humanidade, ele possibilita as diferentes combinações que são capazes de fornecer o alívio de tensões necessário para que se possa dispensar a camuflagem.

Por isto a comédia é um teatro profundamente sério. Porque a ela é permitido tocar no intocável, atacar o inatacável, justamente graças ao sursis com que são agraciados os loucos. Entretanto muito constrangeria a todos parar para pensar o que é loucura e lucidez, qual é a fronteira que, realmente, traça o limite entre ambas.

Contra o discurso autoritário de um sistema, só a resposta também autoritária da sátira. Contra o excesso de seriedade que falseia a complexidade humana e que faz da juventude uma voz calada, prematuramente envelhecida, nada melhor do que lembrar a falsidade da dicotomia sério/cômico. Para revigorar um teatro silencioso, nada melhor do que retomar suas raízes populares de encontro com o presente através da função revigorante do lazer e do humor.

A luta cômica traz em seu bojo a força da reconstrução. Nela não há vencedores nem vencidos. Ela não tem em mira a destruição do adversário, mas seu esclarecimento, a luminosidade mágica que não se extingue, que não pune os vilões, mas procura conscientizá-los. Mais do que um combate, ela é uma conquista, um exercício inteligente de persuasão.

Com **Mas que papel, seu bacharel!** retoma-se a **Farsa do advogado Pathelin**, texto anônimo francês do século XIII, numa adaptação livre que pretende questionar a realidade de hoje. Estabelecendo para o espectador a ponte nítida entre o **lá e então** e o **aqui e agora** esperamos conseguir concretizar a máxima de Molière e "castigar, rindo, homens e costumes", sem nos pouparmos desta crítica. Por isto escolhemos o caminho da sátira, porque nela o manifesto é o que se pode descartar e jogar fora, enquanto que o latente é o que deve permanecer para perdurar, após o espetáculo.

Não nos amedrontamos ante o perigo da simpatia complacente com que os bobos da corte são tratados. Aceitamos o risco e assumimos a necessidade da alegria e da descontração, do respeito e da denúncia, conscientes de que, como já preconizava Victor Hugo, o grotesco nada mais é do que o reverso do sublime. E daí nossa certeza de que só se castiga aquilo em que se sente a possibilidade de recuperação, só se dialoga através do riso, sobre o que a consciência não pode guardar sem explodir.

Mas não se brinca, impunemente, com o perigo. Quando se dá um espaço vazio à luta, o próprio vácuo poderá imperar e o feitiço virar contra o feiticeiro. Portanto, a carga de inconseqüência e consciência que devem coexistir numa obra cômica precisam encontrar o ponto de equilíbrio. Porque se o riso castiga os costumes, se o bobo e o palhaço associam em nossas mentes tragédia e comédia, ao mesmo tempo o ridículo estabelece um estranho pacto de solidariedade para com o ridicularizado. E ao mesmo tempo em que denuncia, o riso compactua.

Por isto o humor é um trabalho sério, pois para não fazer o pacto com o inimigo ele precisa oferecer uma linha clara de suas pretensões. É necessário que ele renuncie ao prazer da resposta sonora e imediata da gargalhada gratificante, para indagar sobre o depois. Se Luiz XIII dizia aos nobres que pretendiam calar a boca dos estudantes que apontavam as falhas de seu governo que as deixassem livres, para que pudessê ouvir o adversário e tornar conhecimento das críticas, nunca se saberá se, por detrás desta atitude, estará o propósito da transformação, ou o desejo de melhor iludir.

Num momento em que se assiste à enérgica escalada da sátira nos palcos e nos veículos de comunicação de massa, cabe ao teatro pensar o riso. Cabe à consciência lúcida ocupar este espaço e lutar contra sua encarnação. E para isto é preciso lutar com as próprias armas do adversário. Porque, na sátira, a palavra é sempre autoritária e não permite deslizes.

Esta é a razão por que, após um trabalho em que se questionou, **a sério**, uma profunda chaga social, o Grupo Divulgação faz um retorno a um dos momentos mais férteis e mais esquecidos da história do teatro — a Idade Média. Um momento de anonimato, onde a palavra e o espetáculo importavam mais do que a imortalidade literária. Um momento em que Bertolt Brecht se inspira para construir seu painel vigoroso de crítica social.



CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

### MAS QUE PAPEL, SEU BACHAREL!

Patelão	José Eduardo Lessa Arcuri
Guilhermina	Virgínia Paes
Guilherme	Robson Terra
Tomaz	José Luiz
Juiz	Marcelo Gaio
Vedetes	Liana Menezes Chintia Lopes Vera Lúcia Nazareth
Iluminação	Ignes Simões
Sonoplasta	José Francisco Matos
Teclado	Isabela Pinheiro
Violão	Liana Menezes
Percussão	Rodrigo Fonseca Barbosa
Figurinos	Malu Rocha Ribeiro
Direção de estúdio	Edson Pável Bastos
Cenário, cartaz e direção	José Luiz Ribeiro

*"MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO" (Lorca)*

**Grupo Divulgação**  
**trabalhos apresentados**

**espetáculos antológicos:**

amor em verso e canção  
o homem do século XX  
antologia da mulher

**apresentações didáticas:**

morte e vida severina, de joão cabral de mello neto  
coral universitário  
belmiro, murilo, pedro nava  
camões  
a menina casadoira, de Ionesco  
pic-nic no front, de Arrabal  
sganarello, molière  
lição de molière

**Departamento de teatro infantil:**

A Onça de Asas  
Circo de Bonecos  
Estória de lenços e ventos  
Nem tudo está azul no país azul

walmir ayala  
oscar von pfuhl  
ilo krugli  
gabriela rabelo

**Outros espetáculos:**

cancioneiro de lampião  
o urso  
bodas de sangue  
electra  
diário de um louco  
pequenos burgueses  
a visita da velha senhora  
escola de mulheres  
escurial  
romanceiro da inconfidência  
maria stuart  
a morta  
o patinho torto  
yerma  
seis personagens à procura de um autor  
as criadas  
arlequim servidor de dois amos  
calígula  
guerra mais ou menos santa  
pedreira das almas  
só o faraó tem alma  
o beijo no asfalto  
mas que papel, seu bacharel!

nertan macêdo  
anton tchekhov  
federico garcía lorca  
sófocles  
nicolai gogol  
máximo gorki  
friedrich dürrenmatt  
molière  
michel de ghelderode  
cecília meireles  
friedrich von schiller  
oswald de andrade  
coelho netto  
federico garcía lorca  
luigi pirandello  
jean genet  
carlo goldoni  
albert camus  
mário brasini  
jorge andrade  
silveira sampaio  
nélson rodrigues  
josé luiz ribeiro

## Agradecimentos

Sebastião de Almeida Paiva  
Magnífico Reitor da U.F.J.F.

Dr. Antônio José Cedrola  
Departamento de Assuntos Comunitários

Delma de Souza Rocha  
Responsável pelo Forum da Cultura

José Walter de Andrade d'Ávila  
Diretor da Imprensa Universitária

Ismair Zaghetto  
Superintendente da Funalfa

Meios de comunicação e aos que acreditam que

*"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro"*  
(Lorca)